

POESIA DE QUARTA

Antología Poética



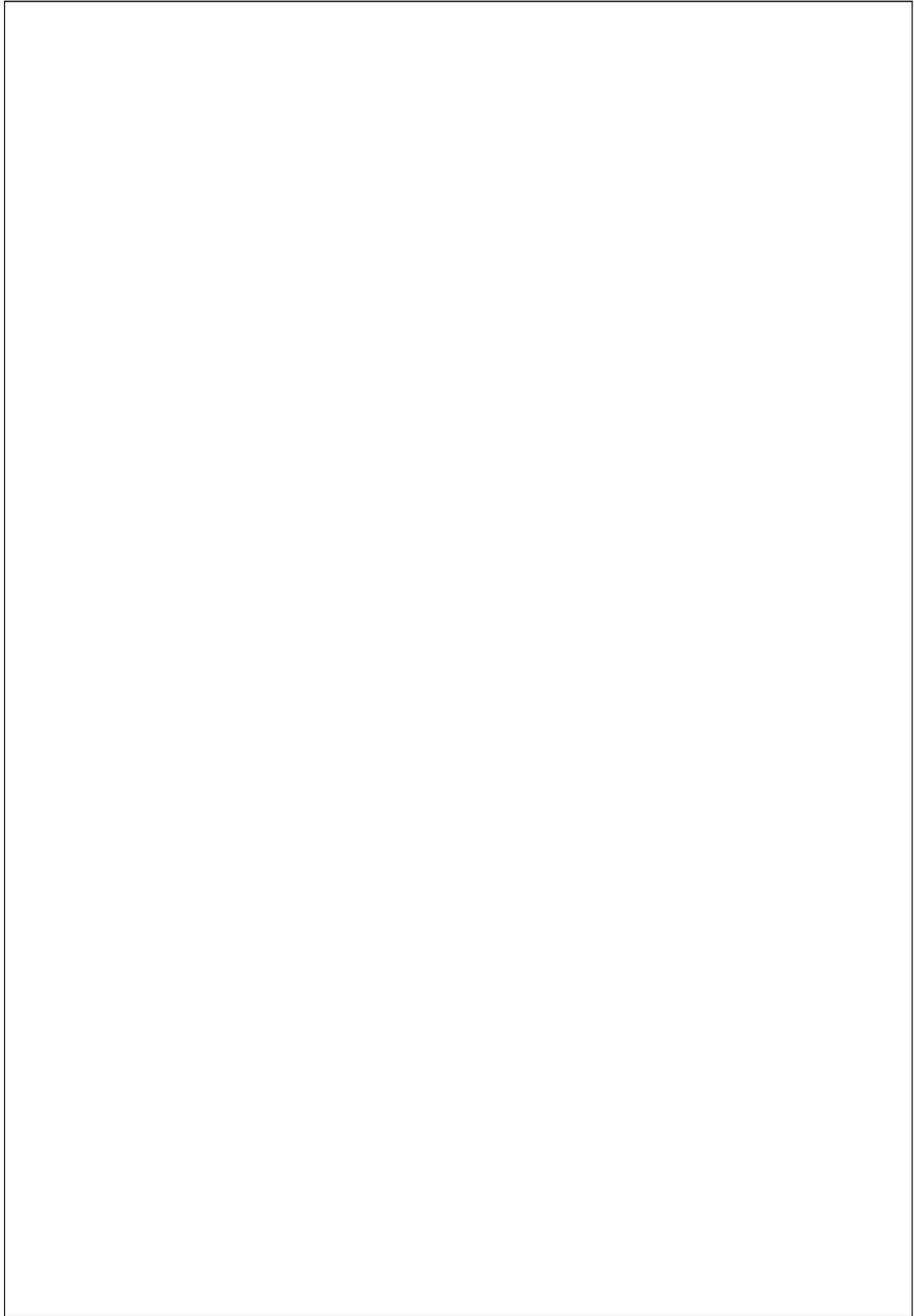
Antología Poética POESIA DE QUARTA

Organização
Daniel Andrade

POESIA DE QUARTA

Antologia poética

Cajazeiras-PB
2020



Organização
Daniel Andrade

POESIA DE QUARTA

Antologia poética

Colaboradores
Diego Nogueira Dantas
Francisco Igor Arraes Alves Rocha
Francisco Wernnevon Vieira Estrela
José David Emanoell Feitoza Braga

Cajazeiras-PB
2020

Copyright © IFPB 2020

CAPA:
Izaquiel Canuto da Silva

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Francisco Igor Arraes Alves Rocha
Janaina de Castro

DIAGRAMAÇÃO
José David Emannel Feitoza Braga

TIPOGRAFIAS
Caviar Dreams
Fortz
Metal Block Ultra

Este livro foi financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, através do Programa Institucional de Bolsas de Extensão e Cultura, via Edital de Extensão nº 001/2019

Catálogo na fonte
Daniel Andrade CRB-15/593

P745

Poesia de Quarta: antologia poética / Organizador Daniel Andrade; colaboradores José David Emannel Feitoza Braga, Diego Nogueira Dantas, Francisco Igor Arraes Alves Rocha, Francisco Wernnevon Vieira Estrela. - Cajazeiras: Real, 2019.
90 p.

ISBN: 978-85-65631-32-7

1 Poesia 2. Extensão e cultura 3. IFPB 4. Cajazeiras - Paraíba I. Título

CDU 82-1

Os autores

André Barroso do Nascimento de Sousa Reis

Carlos Gildemar Pontes

Cícero Raelson da Silva Crispim

Elinaldo Menezes Braga

Emanuel Luciano Lunas Medeiros

Gabriela Almeida Pinheiro

Izaquiel Canuto da Silva

José Paulino Bento Ferreira

Luana Brito Lacerda

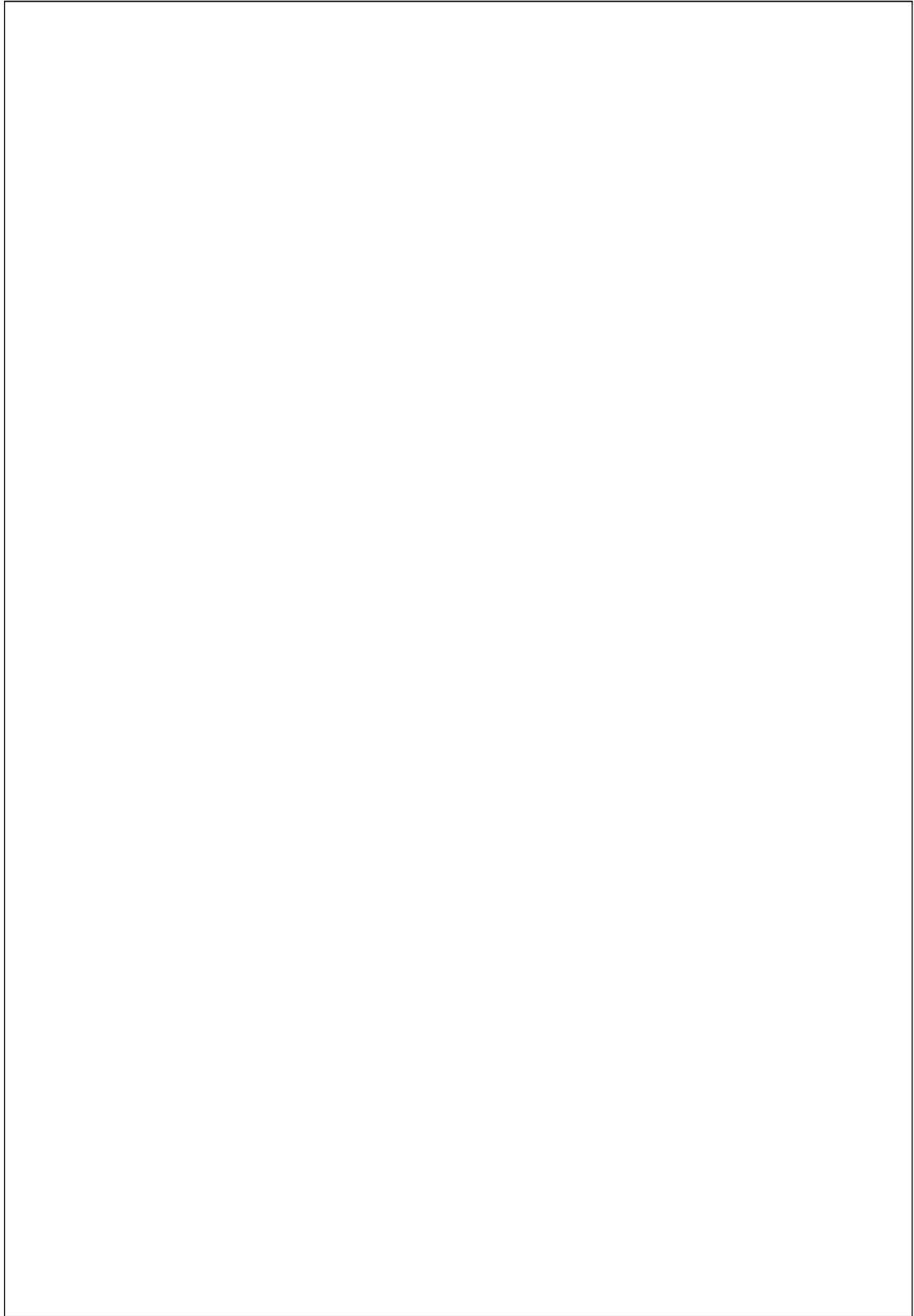
Lucas Beserra da Silva

Oclávio Coutinho dos Santos

Pâmela Lopes Diniz Silveira

Perla de Sousa Alves

Roberto Ferreira



POESIA E FUTEBOL

Forjado na cidade de Cajazeiras, tradicional berço de grandes artistas e agitadores que reverberam suas entoações por todos os territórios da Terra e da mente, o Projeto Poesia de Quarta nasce no âmbito da atuação do Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (NUCCA/IFPB) – Campus Cajazeiras.

Com o selo da extensão cultural, o projeto envolve pessoas do IFPB e da comunidade cajazeirense, esta última composta na simbiose entre os filhos e filhas da terra e das muitas pessoas que aqui encontram guarida. Cajazeiras, aliás, é celebrada enquanto “terra da cultura”, alcunha feita sob medida para caracterizar a produção de seus artistas, mesmo que nem sempre condizente com a suficiência de políticas públicas para o setor.

Fomentado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão e Cultura do IFPB (Edital nº 001/2019 – PROEXC/IFPB), esta construção coletiva faz jus aos preceitos da política de extensão e cultura

do IFPB, caracterizando-se pela busca ao diálogo permanente entre os saberes historicamente sistematizados pela humanidade e os saberes populares forjados na experiência real das populações, objetivando articular e fortalecer arranjos locais, no caso em tela, relacionados à produção cultural.

É justamente na experiência real do projeto Poesia de Quarta que a presente antologia poética se materializa, contando com o apoio logístico do IFPB, mas não só. O Núcleo de Extensão Cultural da Universidade Federal de Campina Grande (NEC/UFCCG) - Campus de Cajazeiras - é peça fundamental por ser um tradicional refúgio de artistas, produtores e amantes da cultura dita "alternativa", espaço mais que inspirador para a realização deste foro mensal de poetas, incontestes protagonistas da presente obra.

A poesia é fenômeno eminentemente criado, reproduzido e recebido (e novamente construído) por seres humanos. Na expressão de suas diversidades e suas culturas diversas, esta antologia poética apresenta, aqui, uma de suas características mais

marcantes: o diálogo de saberes e sabores de poetisas e poetas de diferentes origens e gerações.

A despeito da diversidade, um elemento essencialmente os une. Refiro-me à inquietude tão bem demonstrada por outro grande poeta destas plagas, o apocalíptico Gilberto Álvares: “meu modus vivendi é fruto da inquietude / na verdade sou o efeito colateral da receita”. Por sinal, o argumento da quarta-feira nasce justamente da inquietude de “meter o bedelho” em algo estabelecido, no caso, no tradicional programa de meio de semana, as famosas quartas-feiras televisivas de futebol. Transgredindo em diversas frentes, o Poesia de Quarta se constitui em um marco cultural dessas redondezas.

Fazer e refazer arte nos limites e potencialidades dos sertões deste latino-americano país é tarefa para amantes e inquietos que não se rendem facilmente às dificuldades; que não se curvam às estruturas culturais, sociais, econômicas e políticas secularizadas e insistentemente “renovadas para se manterem exatamente onde estão”. Artistas que brindam o público com suas necessidades individuais e coletivas, ajudando-o a refletir e agir. No contexto

de nosso sertão, o nordestino, tal realidade se mostra de maneira contundente.

Fruto de uma dialética relação entre seres humanos e suas especificidades de classe, entrelaçando questões de raça, gênero e regionalidades, dentre outras, a poesia aqui se compõe na mesma medida dos fenômenos climáticos, mormente do calor e da seca, ou seja, de maneira fervente e intensa, movimentando suas contradições gerais e específicas.

Contribuindo com a densa produção cultural deste recanto brasileiro, provinciano e contraditoriamente cosmopolita, a Antologia Poética Poesia de Quarta brinda-nos com uma mostra indelével da capacidade de invenção e reinvenção da poesia e da arte sertaneja. Degustação para este e todos os tempos.

Diego Nogueira
Coordenador de Extensão
IFPB Campus Cajazeiras

ANDRÉ BARROSO DO NASCIMENTO DE SOUSA REIS

Natural de Fortaleza - CE nasceu em 1995.
Poeta, músico e contador de histórias, é estudante de
Medicina pela Universidade Federal de Campina
Grande - Campus Cajazeiras.

Contato: andrebarroso9565@gmail.com

AMOR DE BEIRA DE ESTRADA

Esse teu amor de beira de estrada
Me pede carona e embarca
Nesse carro apertado
Abarrotado de histórias e bagunças,
Mas você nem liga,

Embala, pois, esse teu amor de terra molhada,
E me endereça para que eu plante uma semente,

Deixa eu dar uma misturada
Nas areias do meu e do teu coração,
Vai que torna terreno fértil
E uma boa plantação

Vai que nasce aquele amor nordestino,
Guerreiro, forte, espinho,
Mandacaru no sertão,

Vai que nasce fim de tarde,
Que é paz e tranquilidade,
Pôr-do-sol lindo em visão,

Vai que nasce algo florido,
Ipê-roxo, Jacarandá,

Vai que nasce algo aguzrido
Mangueira, baobá

Vai que não nasce nada,
Isso nem é fracassar,
Não fomos vítimas de charada,
Ou de terra mal arada,
O pecado seria deixar
Esse teu amor na beira da estrada
E fazer dele montanhas paisagens
Daquelas que a gente nunca chega

Embala, pois, o teu cabelo,
Para que eu plante cafuné,
E o fruto torne riso e beijo,
E o fruto vire sono e café

Mas, por favor, nessa viagem,
Muito antes da chegada,
Não vires montanha,
Vires morada,
Ainda que só miragem
Ainda que em terra pouco adubada.

POEMA DAS FALTAS

Sinto falta de ter alguém pra sentir falta,
Sinto falta da falta que alguém me faz de querer tê-la,
Sinto falta de querer detê-la em mim,
Falta da falta que só o nome de alguém
Faz despertar pra sentir,
Sinto falta de ter alguma falta
Pra bater sem fazer falta.

Sinto falta de escrever
Pra alguém que me provoque falta,
Sinto falta da minha infância,
Quando os meus amigos me faziam falta,
Quando o sorriso era frouxo
Sem motivo de nada, Sinto falta.

Sinto falta de olhar nos olhos da falta
E dizer que ela fez seu nome em mim,
E arrepiar a falta por falta me fazer.

Ah, mas eu sinto,
Falta do pedaço de chão que se chama casa,
Falta do abraço quente
Da minha família no meu coração,
Disso eu sinto muita falta.

Mas logo logo a falta cessa,
Mas do nada ela regressa,
Pra fazer falta em outras faltas,
Pra fazer falta de outras falas,
Pra fazer falta em outras datas,
Datas mudas e caladas,
Estruturas bagunçadas...

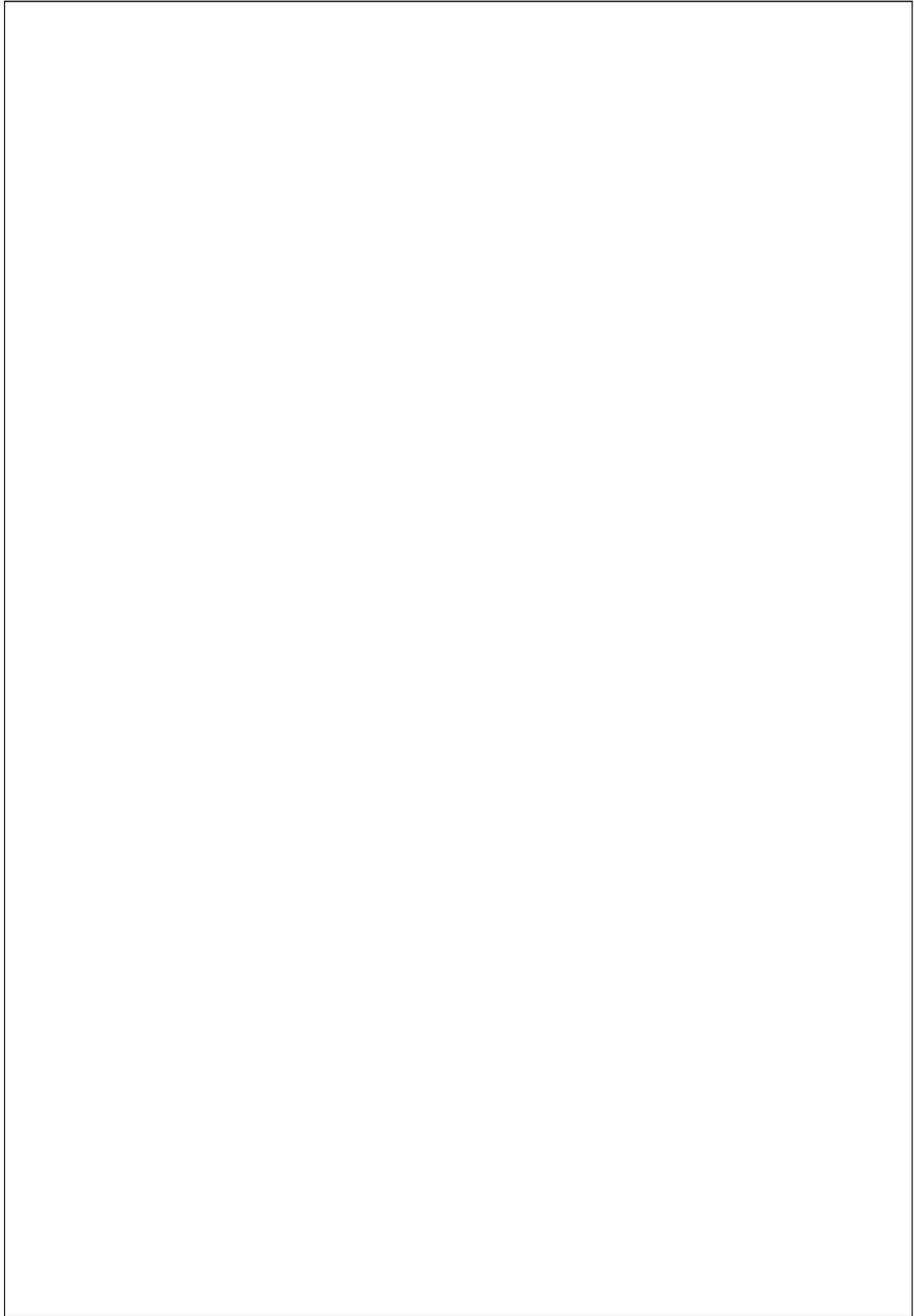
Sou todo feito de faltas,
Pedacos meus e das faltas,
Quando elas se tornam saudades,
Quando se convertem em lágrimas,
Eu sou fruto das faltas que me fizeram
Um fruto em falta, fica amolada na mola da alma,
Eu sou falta até de mim mesmo.

A falta vem pra te completar,
Com nome ou sem, vem te balançar
Sempre com o porém,
E o paradoxo:
Quanto mais deixamos de senti-la, mas perto estamos
dela novamente.

E depois de toda essa dissertação,
Um questionamento se enquadra:
Hoje, do que você sente/qual o nome da tua falta?

HISTÓRIAS DE UM EX-TACIONAMENTO

Quando você for embora,
Lembre de deixar recado na secretária,
Espero que meu coração não esteja tão ocupado pra
atender,
Espero que quando fores,
Olhes para o retrovisor,
E veja em teu visor,
Que aqui fiquei e aqui estou,
Não como alguém que não evolui,
Mas como alguém que constitui,
Um belo lugar no qual tu já estacionou.



CARLOS GILDEMAR PONTES

Natural de Fortaleza - CE, nasceu em 1960. Escritor e professor de Literatura do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras, atualmente também atua como Diretor Cultural da Academia Cajazeirense de Artes e Letras - ACAL.

Contato: gilpoeta@yahoo.it

COM A SEDE DAS FORNALHAS

Eu passava os dias sonhando
com a mulher amada
achava que ela viria um dia
em camisola transparente
andando ao meu encontro
na displicência de quem demora
e o vento colava a camisola em seu corpo
e me entorpecia de desejo
à noite ela me visitava o pensamento
e nós conversávamos baixinho
para não acordar os outros da casa
e ríamos baixinho
fazendo gestos com as mãos
e encolhendo o corpo num abraço
horas a fio fiávamos o tempo
e nos beijávamos como noivos
e nos amávamos com a sede das fornalhas
que aqueciam os engenhos de cana
eu lembro de tudo que quase foi
cada pedaço de nós que costuramos
com as linhas da solidão.

POESIA É RISCO

Poesia pelos ouvidos
pelos não ditos
nunca vistos
oh crueldade de não saber poesia!
vida fria sem frio de barriga
sem rio sem maremoto
sem sangue sem azul
ah crueldade de não ser volúpia!
putas, minhas putas tristes de Gabriel
solidão centenária
ave andina traz a sina da solidão
poesia é coisa de gente doido
doido pra viver esta vida só de ida
vou navegar, preciso...
não preciso morrer ainda
poesia se vê se ouve se lê se diz
tá tudo fora de ordem
poesia é risco de viver!

QUANDO EU FOR NOVAMENTE UM PASSARINHO

Quando eu for novamente um passarinho
Direi que a gaiola pode ser ninho
Porta aberta, céu afora
Coberta para o carinho
Quando eu for novamente um passarinho
Irei mais longe neste horizonte
Asas de aço, coração mais forte
Uma força que ninguém desmonte
Quando eu for novamente um passarinho
Nenhum caçador viverá
Nenhum sonho morrerá
Ninguém vai me desvoar.

CÍCERO RAELSON DA SILVA CRISPIM

Natural de Cajazeiras-PB, nasceu em 1989. É poeta e cantor. Participa do Coletivo Rap Nossa Casa.

Contato: raelsoncrispim@gmail.com

VELOZ IGUAL COMETA

A Estrada é minha vida
Palco da minha paixão
Elo perdido dentro do meu coração
A história se repete onde tudo é belo
Nenhum tsunami derruba o meu castelo
Foco no bem e alma no social
No sorriso das crianças a paz é geral
Me sinto privado o mal não me alcança
Eu vejo a luz clareando a esperança
Nada me pode parar
Veloz igual cometa
Quero ficar no céu
Brilhando igual as estrelas
Fazendo o meu rumo nessa longa estrada
Semeando o bem já que a vida não acaba
Ombros de gigante cem vezes mais forte
Minha pele é armadura resistente aos cortes
Fazendo acontecer
Sempre olhando a quem
Na minha estrada nessa vida
Só se faz o bem
Caminhando e cantando
Vou seguindo a canção
Rei da selva me sinto leão

Energia positiva no meu pensamento
Cada rima que eu faço
É igual meu testamento
A única coisa que eu posso deixar
É minha rima positiva
Pra minha molecoca se inspirar
Eu penso no amanhã

Mas eu quero viver o hoje
De tudo negativo quero ficar longe
Minha paz é minha meta
Incentivo para lutar
Pode olhar para frente
O futuro enxergar
Está na nossa frente o propósito
Isso é óbvio
Sigo firme e forte com passos de gigante
Para amanhã ser lembrado
Porque eu quero
Minha foto no mural plastificado

Consciência antecede
Quem tá do meu lado pede
A Deus para proteger
Livrar de qualquer acidente
Não adianta seguir outro caminho
Aqui não existe atalho
E ninguém está sozinho

DESPERTADOR

Caminhando errado cê sabe que tá
É, eu sei que tô
Atire a primeira pedra nas costas
Quem nunca errou
Me dá logo o remédio
Me dá o último trago
Me ensina a medicina
Ou me dá vacina
Eu quero sair desse caos
É chato se esquivar de bala perdida
Reabilitação que não medem
Isso nunca incentiva
Que me dão mais drogas
Pilulas e comprimidos
Entrando oprimidos
A solução pra pobre
É sempre a cova
Às vezes é difícil tentar
Ver o mundo de outra forma
Cada dia tá mais cansativo
Viver correndo atrás da glória
O sistema tá pesado, é eu sei
Isso também me incomoda
Nos deixa triste ver o quanto

As coisas boas viraram chacota
Algumas pessoas tomam decisões
Pra ir embora mais cedo desse lugar
Porque não aguentam viver
Com tanta desavença
Num mundo que hoje
Só vive de Aparência
Pessoas e amizades hoje
São meras futilidades
Sem transparência
Tento me esconder
Tento eu mesmo me enganar
Quando viajo, entro em órbita
Me sinto melhor por lá
Sei que me deixa zen
Sei que me torna refém
No mundo de ego e ganância
Onde ninguém sabe quem é quem
Ninguém pensa mais
Em te fazer o bem
Vários percursos tomados
Em muita situação
Tentando achar um lugar tranquilo
Pra não cair mais uma vez na perdição
Parei pra pensar, refletir
Não tenho medo da sua realidade

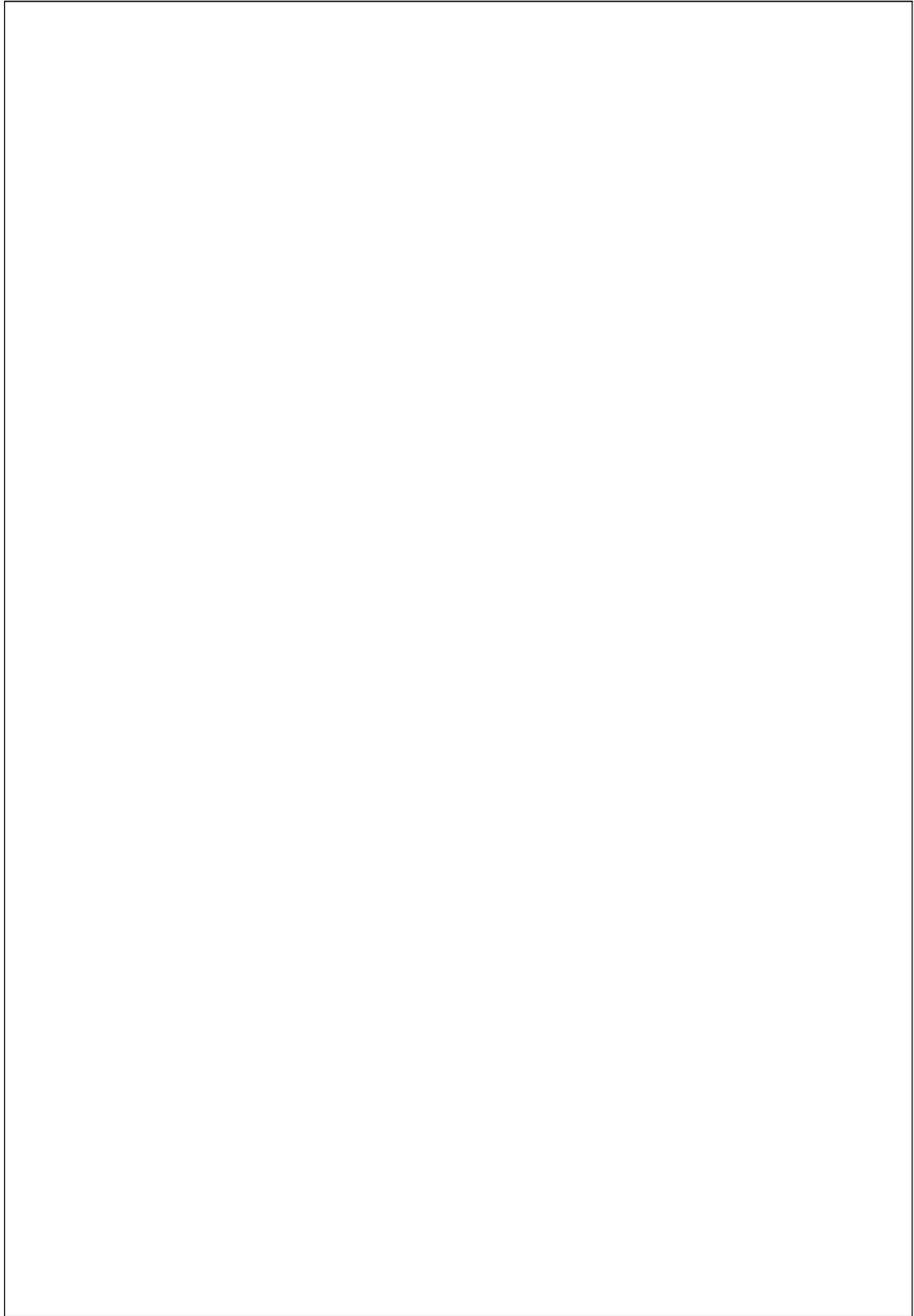
O que você me fala
Eu já escuto mesmo antes de ouvir

Não me assusta o seu tom de superioridade
O que predomina em mim
É a luz do brilho que me faz sorrir.

ROLETA RUSSA

Roleta russa nesse mundo em que vivemos
Rodeado de preconceito aqui muito veneno
Cada qual que faça o seu
Corra atrás do seu conceito
Sua ideologia vale mais que o seu direito
País chamado de Brasil
Brincando com vidas humanas sem temer
Onde tá bem mais fácil morrer do que sobreviver
Mentes mirabolantes por conta do poder
O que tá mais abaixo do nível social pode se fuder
Eu não me calo, minha língua é engatilhada
Fico me perguntando cadê a Pátria amada,
idolatrada, salve salve Brasil!
Se pra menor sobreviver ao invés do livro
Carregar a ponta do fuzil
Não vou dar minha cara a tapa
Nem ficar de bobeira
País do carnaval
Onde prioridade é besteira
Pra que tanto preconceito e discriminação
Pra que tanto preconceito com o seu irmão
Se todos temos direito como cidadão
Preto, branco, rico ou pobre
Todos são filhos de Deus

Seu Doutor absorvel
Nasci em manjedoura
Por altos e baixos carregando o preconceito
Nas minhas costas como se fosse uma cruz
Que toda desigualdade seja transformada em luz
Já não aguento essa tal situação
É pai matando filho, irmão matando irmão
Ligo a televisão e só se encontra a violência
Eu peço a autoridade ponha a mão na consciência
O nosso povo já não aguenta mais
Só se mostra violência em manchetes de jornais
Vamos nos unir com axé e muito amor
Favelado nesse mundão
Também luta pela paz
Ô seu Doutor!



ELINALDO MENEZES BRAGA

Natural de Cajazeiras-PB, nasceu em 1963. Professor, músico, compositor, é membro da Academia de Artes e Letras de Cajazeiras.

Contato: naldinhobraga@yahoo.com.br

O VOO

O voo da Guará Vermelha
Me traz as letras
Me rouba a dor

Quem sabe neste vasto mundo
Em outros cantos
Um novo amor

Quem sabe uma rainha louca
Me rasgue a roupa sem nenhum pudor

O voo da Guará Vermelha
Me traz as letras
Me diz quem sou

Quem sabe neste vasto mundo
Em outros cantos
Amor sem dor

Quem sabe no jardim secreto
Receba afeto de um beija flor

O voo da Guará Vermelha
Me traz as letras

Me faz quem sou
Quem sabe neste vasto mundo
Em outros cantos
Serei ator

Quem sabe uma escritora louca
Escreva a minha história de amor

O voo da Guará Vermelha
Me traz as letras
Me faz leitor

URUBUS

Urubu tá voando
Tá voando sobre apartamentos
Tá querendo a sujeira
Da cabeça de quem tá lá dentro

Urubu Rei
Urubu da mata
Urubu da cidade
Vai limpando a sujeira da massa

COISAS DE BICHO

O macaco prego
Morre de medo
Do tubarão martelo

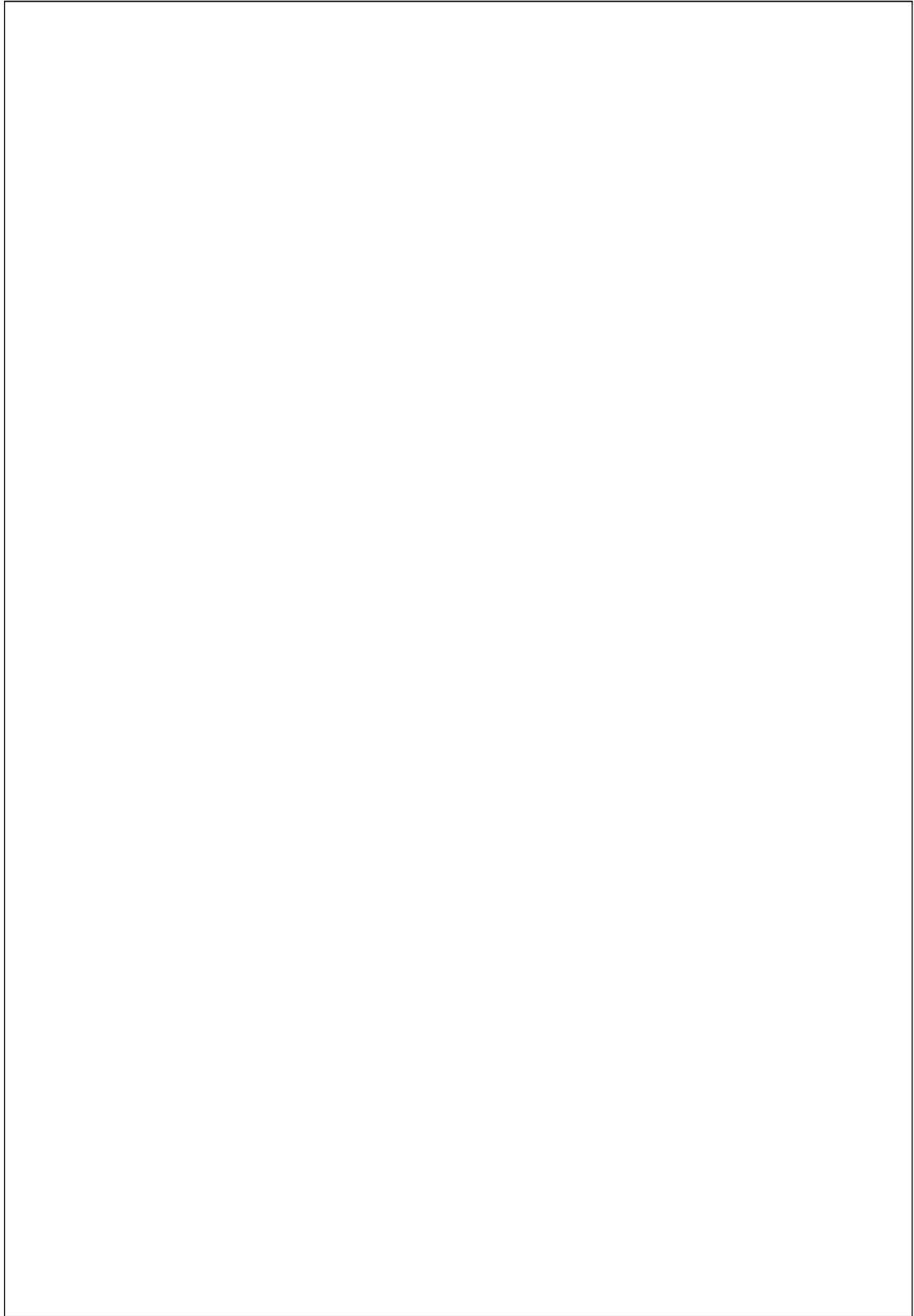
O pintor corre léguas
Da onça pintada

O piolho não anda
Com a mula sem cabeça

O porquinho da índia
Não entende a língua
da vaca holandesa

O galo de briga não briga
com o galo da minha cabeça

O pé de feijão
não chuta o tatu bola
E o peixe espada
Quando cego não amola



EMANUEL LUCIANO LUNES MEDEIROS

Natural de São Roque - SP, nasceu em 1997. É Poeta e músico. Estudante de Tecnologia em Automação Industrial pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cajazeiras.

Contato: emanuellis60@gmail.com

NO APRESENTO

Se eu pudesse ser mandado
Talvez pra o campo de batalha
Talvez no meu trabalho
Talvez fora das grades
Talvez no meio do salto
O que eu faria?
Mas se eu tivesse a escolha
Talvez de não sacar a rolha
Talvez de acordar agora
Talvez de acabar com a paz
Talvez de trabalhar na folha
Seria como sonhar com o que já se tem
Um final não antes preferido
Preferiria que a escolha nem fosse minha
Deixando que escolhessem me dar
Na escolha uma sina
Iria escolher o teu lado
E declarava guerra a um mundo sem você
Seria meu próprio senhor
Hoje outra vez fico, amanhã decido se vou
E fico por dizer que quero
E quero pra não dizer quem sou
Espero pra saber se preciso
Às vezes é preciso e não me custo onde estou

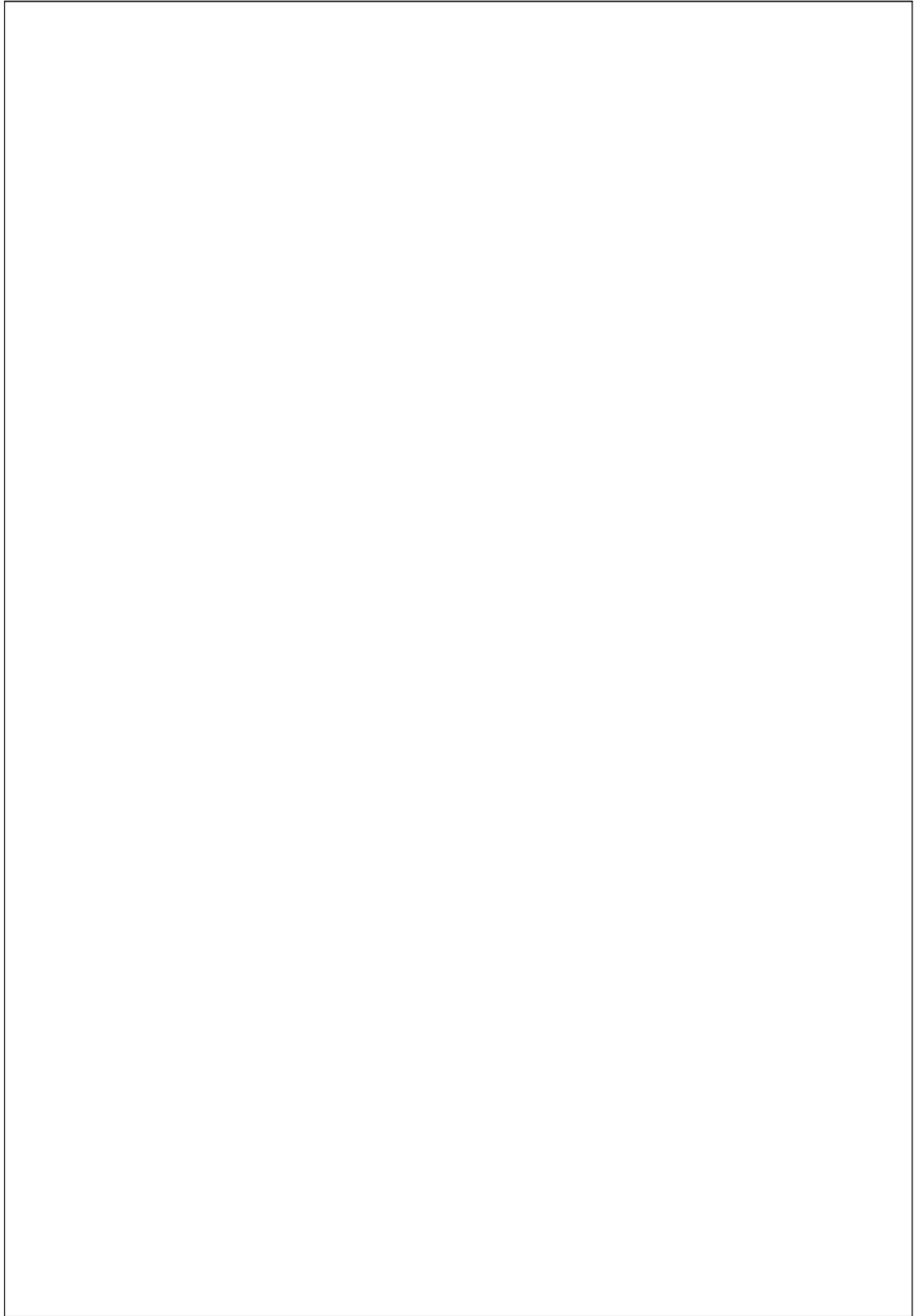
Acabo com tudo escrito
Escrevo tudo de novo
Na folha meu trabalho sem amor
Presenteio meus entes queridos
Lhes dizendo quem sou
Trago todas as rosas
Queimo todos os livros
Se planto em todas as roças, terra seca
Porque desapontado estou, labareda
Onde pegar queimou
E aos poucos faz seu caminho
Do alto mar ao interior
Das decisões as guerras
Do amor as terras
Do senhor a espera
De quem sou a tudo que digo
Do que já foi dito a tudo o que restou
Conhecem a confusão da gente
Conhecem assim quem sente
Falando de toda uma vida
Sem razão
Se apresentou.

PASSALO

Quando eu for livre ponha-me em uma gaiola
Chame-a de religião, de cuidado, de ditadura, de
padrão, de sociedade, de carreira, de regime,
mas nunca a chame de amor nunca justifique-a com o
amor, nunca a veja como a amor,
nunca deixa que ela seja amor para você.
Amar é prender do lado de fora
Preferindo o risco de morte ao risco da gaiola
Pois uma morte em vida é justiça aos meus
Aos cantos sufocados
Aos voos negados
Aos ninhos violados
É sorte a justiça ir aos teus.

CAJAZEIRAS

Foi no topo cinza
O sol se pondo indiferente a pose do cristo
Alguns diziam ter ido ver o pôr do sol
Mas conversavam
indiferentes as luzes que se acendiam
As luzes se acendiam indiferentes ao sol se pondo
Eu estava indiferente a mim mesmo
Pois estava ali para ver tudo aquilo
Foi no topo escuro
O sol vinha nascendo manso saudando o cristo
O Cristo vinha surgindo amistoso,
saudando as pessoas
As luzes iam se apagando aos poucos
chamando o dia
As pessoas iam surgindo aos montes
enchendo a cidade de vida
E eu ia-me indo pra casa
Indiferente a tudo isso.



GABRIELA ALMEIDA PINHEIRO

Natural de São Bento-PB, nasceu em 2002. É poetisa e artista plástica. Atualmente é estudante de Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras.

Contato: tn | pambi@hotmail.com

LOGOS DE SER MODERNO

Na cidade maquinaria de operários
Brotam luzes, nasce o sol, tudo agita,
Cada um seguindo firme seu horário,
Torna iguais, todos dias, toda a vida.

Dê mais lucro, mais poder para “si mesmo”
Que a porca não consegue mais mover,
Mais rápido, com mais força, enriquecer!
Guarde dentro, camuflado, teu segredo.

Aquela parte que constitui parcela,
Pertencente a ti, nessa podre matéria,
Te lembra por um instante que és gente.

No giro engenhoso das engrenagens,
Em frenéticos relógios, mil disfarces,
Alienam pra que esqueças o que sente.

ENCÔMIO À MUSA - À LÍNGUA

Dedico a minha Musa,
Os versos aqui contidos,
Tu, que em partes me usa,
E eu que te escravizo.

Foste tu a língua materna
Dos meus pais e ancestrais,
Torne-me grande poeta
Que em letras se refaz!

Divindade do alcançável,
Som d'ouro modificado,
Faz de meus versos morada.

Oh, paixão insequente!
Vontade das mais latentes,
Eternize minhas palavras.

A MAIS BELA NOITE DE INSÔNIA

Reencontro em ti marcas antigas,
Que em outrora, cravadas em minha derme,
Faziam do penar um canto leve,
E dos gritos caóticos infantis cantigas.

Embalada nos braços teus,
Acolhendo meus tormentos e os beijando,
Espanto os braços negros de Morpheus,
Saboreio o arsênico já em pranto!

Na caixa a quem chamo vida interna
Onde guardo as lembranças que em terra
Me tocaram e que sigo memorando,

Deposito tudo que vivi contigo
Escrevendo te tratando como amigo,
Te poupo dos malditos eu te amo!

IZAQUIEL CANUTO DA SILVA

Natural de Aurora - CE, nasceu em 1993. É artista plástico e poeta. Atualmente cursa Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Contato: izaquiel.silva.ads@gmail.com

OXENTE BOCA!

Mel de capuchu,
Flor de mandacaru,
Tua boca quero beijar.

Oh boca!!!

LIBERTA-ME!

Em plena chuva,
Sorrisos ou lágrimas,
Libertam o coração.

OLHARES DE CONSOLO

Constantemente vivo
Vou te consolar
Teus olhos a me encantar

JOSÉ PAULINO BENTO FERREIRA

Natural de Cajazeiras-PB, nasceu em 1991. É músico e poeta. Atualmente atua no Grupo Zero83Rap.

Contato: paulinhomczero83@gmail.com

ALÉM DA RIMA E POESIA

“Zero83” além de Rima e Poesia,
superação, dificuldades, história de vida
E muito orgulho dos meus mestres,
através da informação revolução aqui prossegue...

Quem passa o que minha Mãe passou,
também não faz questão de replay
O tempo ruim pra trás ficou,
e o tanto de pano passado
no chão sujo dos playboys
Me fez crescer bem pensador
e não passar pano pro seu herói,

Herói pra mim não é opressor, é Professor,
Renan Inquérito, Sérgio Vaz, Gabriel o Pensador
Meu arsenal já tá formado
e a arma que eu levei pro Zé Dias
foi o livro do Eduardo

E uns prego que não ganha nem 2.000 por mês
se achando classe média tá do lado dos burguês
o que eles chamam de "justiça"
é a mesma que prendeu o meu irmão
e assassinou minha Sobrinha

Descanse em Paz, Jamilly Guerreira.

MELHOR DE VOCÊ

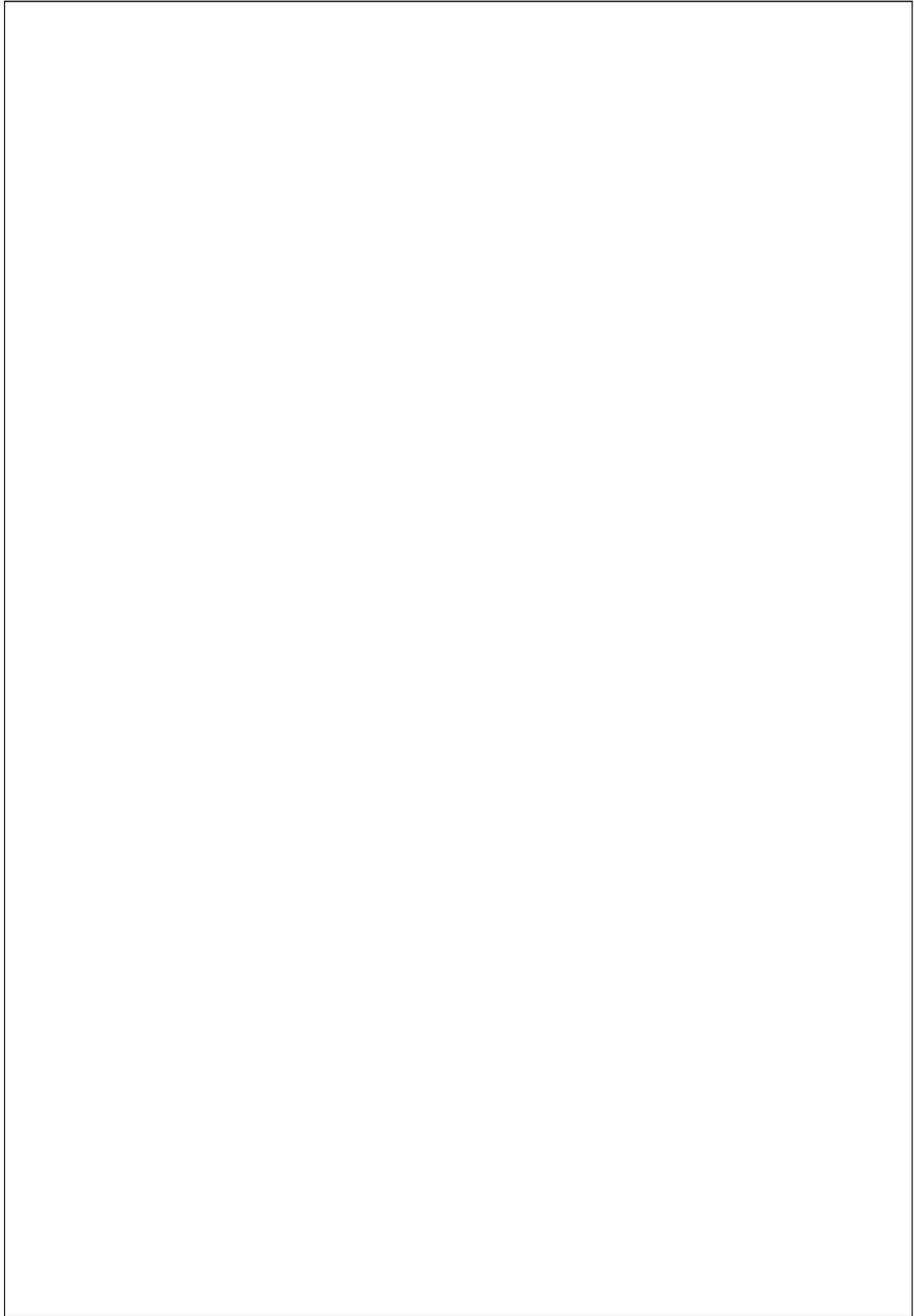
Então se liga nessa fita,
quer dá rolê com as mina
mas as contas com a coroa em casa
você nunca trinca,
o que é vitória pra você? acorda carai...
tua mãe trampano de empregada
e tu bebendo Ballantine's,

trabalhe e estude o máximo que cê puder
a internet tá aí, seja o que você quiser
não tem limite, não tem fronteira, tudo é a mente
não olhe pros lados, sentido da vida é pra frente

se quer sucesso na sua vida, te deixo aqui uma dica
não é tentar, é conseguir, não ande com pessimista
dê o melhor de você em tudo que for fazer
e mesmo se não for o melhor,
um dos melhores cê vai ser

PRIVILÉGIOS

Fome eu nunca passei, passei necessidade
agradeço aos meus pais por pelo menos uma base
porque angu pra almoçar, nunca faltou
caderno pra mim estudar, nunca faltou
morei em barraco de madeira e também de taipa
mas olha que coisa boa eu sempre tive casa.



LUANA BRITO LACERDA

Natural de Cajazeiras-PB, nasceu em 1999. É poetisa, atualmente cursa Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba - Campus João Pessoa.

Contato: luanabritolaccerda@gmail.com

isso não disseram nos jornais

mas ontem eu encontrei
a fotografia que fizemos
naquele amarelo dezembro
da década passada
não acha estranho que de repente
estamos falando em décadas passadas?
começamos a fazer parte dos livros de história
engraçada essa foto:
você mostrando os dentes pro mundo
e eu encolhida com medo
da câmera fotográfica
que na época eu chamava
de máquina do tempo
hoje
é esse feixe de luz do passado
o meu bilhete de ida
para o dezembro em que
teu cabelo cheirava a goiabas
e as suas chinelas eram canoas
muito maiores que os seus pés
essa foi a era da história
em que você só falava sobre
como devia ser bonito o mar
e como ficavam bonitas as pessoas
que se banhavam de oceano

e como em questão de bem pouco tempo
você abandonaria tudo para viver
na praia
o mar que até hoje
você não tem ideia
do barulho que faz quando o vento
bate nos cabelos
mas não mencionam nos jornais
e já não sei pra que serve
tanta notícia no mundo
se não estão falando das pessoas
certamente
não queria ter te deixado
inerte na minha memória
de anos atrás
mas te arrancar da fotografia
não é te arrancar da geografia da fotografia
talvez se eu voltar
à casa dos meus pais
e visitar o mesmo juazeiro do retrato
você ainda esteja
do mesmo jeito
dentro do mesmo vestido vermelho-amor
com a mesma flor no cabelo
talvez apenas a esperança nos seus olhos
tenha se transformado em desespero

não ouvi dizer de você nos jornais
em nada consta o teu nome
porque nada teriam a dizer
sobre esse mundo que
não te banhava de oceano
o sertão vai alagar
diz a profecia
o sertão vai virar mar
diz a canção
e eu aqui calada
como requebra a civilização
adulterando você a todo instante
me perdoa

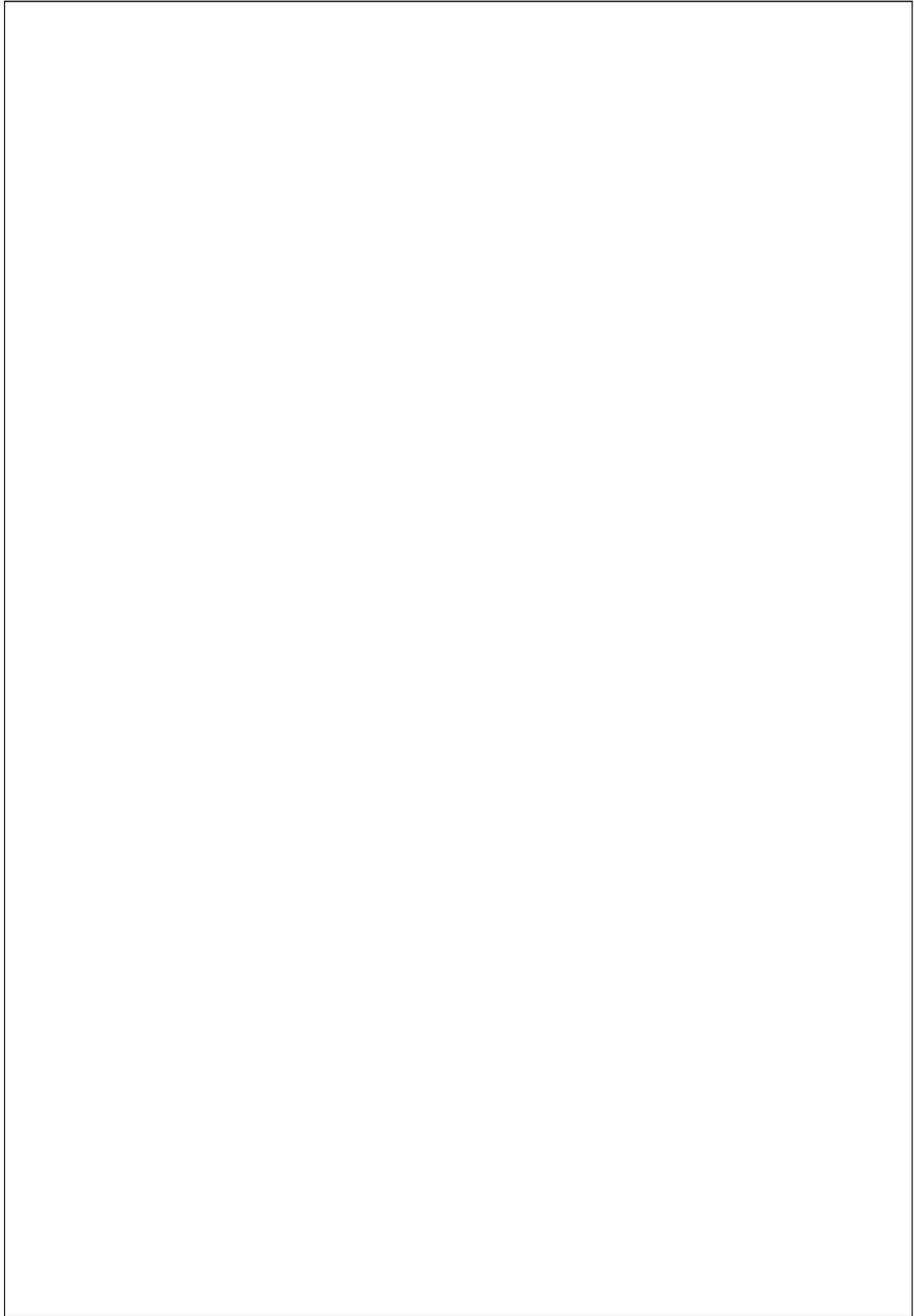
evite poemas de amor

evite fumar a cada 15 minutos
evite ter mais cerveja que água na geladeira
evite marcar no calendário as sextas-feiras
evite jogos de azar
evite canções dos anos 50
evite sair de casa depois da meia-noite
evite poemas de amor
e se possível
evite o amor também
evite emprestar literatura
à pessoa dormindo na sua cama
e se te perguntar se é amor
faça silêncio
evite os poemas de amor
evite enviá-los
falá-los
lê-los
e se for possível
evite até
escrevê-los
você sabe o que querem
arrancar de você, não sabe?
você sabe como ficam os domingos
quando se tem companhia, não sabe?
você sabe o que significa

ter uma companhia, não sabe?
não gaste sua mente
não leia shakespeare
não leia a biblia
não lembre do casamento dos seus pais
não deixe que te comprem uma lingerie
não deixe que te comprem nada
não deixe que decidam onde estacionar
o que ler qual música qual dia qual cor
qual vertente marxista
não deixe
e se persistirem
mande-os à merda
se insistirem em perguntar
se é amor
negue
diga que não há mais nada
que possam levar
ou devorarão tua carne
feito abutres
que é isso que eles são,
um bando de abutres
famintos.

digo a mim mesma:

vá, fale da luz entrecortando a avenida
fale de como a silhueta do seu amor
esmaga o esqueleto da cidade
fale sobre o chá de erva doce
que salvou a sua vida
diga que você só dá ponto sem nó
porque você não gosta de nó
E prefere os versos soltos
E prefere os corpos soltos
E prefere
diga que você é uma pessoa
mas que tem olhos de serpente
E presas de serpente
E o coração de um lobo que
o amor esqueceu de amansar
diga qualquer coisa
que consuma o tempo das pessoas
E o ócio das pessoas
E o ódio das pessoas
diga que o que quer mesmo contar
é impróprio para um poema
e então peça desculpa aos amigos
que decidiram te ler por bondade
e perderam todo o tempo
que eles jamais recuperarão de volta



LUCAS BESERRA DA SILVA

Natural de Tupanatinga - PE, nasceu em 1990. É músico e poeta. Atualmente cursa Engenharia Civil pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cajazeiras.

Contato: beserra.lucas@gmail.com

RETRATO

É quando ninguém está por perto
Que vejo o que realmente importa
O que conforta e afaga
A alma vaga que comigo vive

Quando todos se afastam
Permanece em mim a vontade
A bondade e a gana
E o semblante de minha vaidade

Quando o tempo desenha a solidão
Vejo no espelho a paz
Num rosto paralisado pelo frio
E pelo prazer de estar só

Quando nada mais resta
Sobra os dias. E a poeira
Sobra o teu retrato em minha estante
Resta a lembrança no teu retrato.

AMBROSIA

Ainda estou esperando
Só não sei por quem ou pelo o quê...
Não sei se bem ou mal
Imaginário ou real

Ainda me vejo perdido
Guiado pela razão que há na loucura
Na ambrosia e na cura
Na emoção de viver só, só viver

Ainda bem que comigo ninguém vive
E ainda assim não estou só
Tenho um universo dentro mim
Vivo o que o sinto sem pudor e sem fim

Ainda me lembro do tempo
Da medida exatas das horas
Da oração e do incenso
Do rosto vermelho que se via em minha retina

E por tudo enfim ainda espero
Que a loucura se afaste
Que a solidão permaneça
Que a vida se vá e a razão - esqueça.

TALVEZES

Talvez seja só mais uma madrugada
Ou só os pensamentos poluindo minha cabeça
Talvez seja só a certeza da incerteza
Ou só a crença na descrença

Talvez seja só mais um dia
Ou talvez a continuidade do pesadelo
Talvez seja só o desvelo
Ou falta de vontade de sê

Talvez seja sonho ruim
Ou talvez os olhos estejam abertos
Talvez esteja só coberto
Ou talvez os trapos não aqueçam tanto

Talvez um dia eu fique
Ou talvez eu me vá agora
Talvez não seja nessa hora
Ou minha hora seja agora

Talvez eu vá embora
Ou só talvez...
Talvez eu já tenha ido
Ou talvez tudo o que vivo seja só memória.

OCLÁVIO COUTINHO DOS SANTOS

Natural de Baixo-CE, nasceu em 1994. Músico e poeta. Atualmente cursa Tecnologia em Automação Industrial no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cajazeiras.

Contato: oclaviosantos@gmail.com

NASCER

Não me lembro bem como aconteceu,
Apenas acordei nesse lugar,
Fui tirado do meu lar, tirado não, arrancado,
Puxaram-me e bateram até eu chorar.

Lá era tão quente e aconchegante,
Passava o dia todo dormindo,
Na posição mais confortável do mundo,
E ouvindo o coração do meu lar.

Mas de repente me vejo aqui no lado de fora,
Neste caos, neste tumulto, nesse mundo,
Eu não pedi para estar aqui, mas já que estou,
Então não serei apenas mais um.

MEDOS

Descarte esses seus medos do passado,
Eles são portas fechadas que lhe separa,
Separa-lhe do novo e inusitado,
Separa-lhe da felicidade tão procurada,
Separa-lhe das realizações dos seus sonhos,
Separa-lhe do seu futuro.

Não tem como simplesmente esquecer de
Seus medos e colocá-los em uma gaveta,
Ou simplesmente deletá-los da sua vida,
Mas há algo que pode ser feito,
Enfrentar seus medos sem medo.

Não, isso não é uma coisa fácil, eu sei,
Mas é isso ou se esconder e viver
Cheio de arrependimentos e se privar
Das belezas da vida, dos amigos,
E de tudo mais que te faz feliz,
Então viva sem medos.

ELA

Descansa em meus pensamentos e fique,
Fique tranquila, pois tu és a única a estar neles.

Toma meus braços como teu refúgio e manda,
Manda embora esses medos que te pesquem.

Corra ao meu encontro e encontre,
Encontre o que tu procuras em alguém.

Descarta tuas tristezas e deposite,
Deposite em mim seus mais valiosos sonhos.

Escancara perante mim esse seu sorriso
E me faz sorrir também.

Entre em minha vida e não,
Não saia dele nunca mais.

PÂMELA LOPES DINIZ SILVEIRA

Natural de São Paulo-SP, nasceu em 1997. É Poetisa. Atualmente cursa Letras pelo Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras.

Contato: pamelalds@hotmail.com

MULHER PÁSSARO

Nós, mulheres

Nós nos silenciámos todos os dias!

Em diversas situações “cotidianas”

Porque a todos os dias a sociedade nos impõe que sejamos silenciosas, que nos calemos.

Quer ver? Vou te dar um exemplo:

É como quando o bibliotecário tenta agarrar sua mão enquanto entrega a ficha da sua bolsa, buscando ter algum contato físico com você e apesar de o ocorrido não ser novidade entre as alunas, ele continua lá.

- Mas são só sorrisos, só uma conversa normal...

É simpatia!

E se eu conto que ele pediu meu número

enquanto eu estava lá,

estudando sozinha,

me chamando para beber um dia?!

- Releva, minha filha, que ele é concursado e daí ninguém o tira!

Ah, se fosse só um, mas como ele há tantos

já nas escolas todas as meninas sabiam o professor que costumava assediá-las

é marcado na lista de todas elas o nome do carinha

e em cada aula era uma batalha

- Meninas, hoje é dia de blusas compridas!
- Permaneçam ao máximo em seus lugares! Quanto mais melhor, assim ele não consegue nos comer com seus olhos.

Hoje meu corpo você não vai objetificar!
O meu silenciamento carrega silêncios de muitas outras mulheres que vieram antes de mim
travando batalhas de 2 ou 3 pessoas sozinha
lava, passa, cuida da casa, dos filhos, netos, do marido mais que tudo e ainda cozinha
cuida de todo mundo, mas cuidar dela mesmo que é bom? Nadinha!

Mulheres há séculos batalhando desarmadas
em uma cultura que arma todo dia
o sujeito que nos mata
sujeito esse que não liga em ser contrário ao discurso que prega, sobre ser um "homem diferente da média"
afinal, sua sentença nunca chega
mas a nossa nunca tarda
é na minha fala que você procura falhas
apesar de ser você o tal "homem diferente"
que de poesia entende
lê filosofia e diz por aí que apoia todas as causas:
é pró-feminista, antirracista e preconceito contra alguém da comunidade LGBTQ+, perto dele não passa

até parece que é lá tão diferente mesmo
mas na aula dele, não tem uma aluna que não tenha
sido assediada
nossa pauta feminina não importa a vocês homens
avante às lutas! Mas a da mulher:
- Não é meu lugar de fala mesmo...
- Então fala daí, que daqui eu não te escuto.
Me dão aplausos surdos,
de quem ouviu o que eu disse entrando por uma
orelha e saindo pela outra, sem olhar para o próprio
umbigo.

O PESSOAL É POLÍTICO

Essa lição minhas antecessoras me ensinaram
Por mais que tentem nossa voz calar
Cada semente plantada em uma mulher
Foi construída por outras de nós
No desejo de sermos mais libérras do que um dia as
que vieram antes foram
Que a propriedade pelos nossos corpos nos seja
devolvida
Para que não haja mulheres intimidadas,
Engolindo perante essa sociedade
Formada de patriarcas,
A grandeza que há em ti
Parecem sonhos impossíveis
Dentro dessa realidade dura
Mas a partir de cada sonho,
Mulheres alimentam suas mentes e esvaziam as gaiolas
em que foram enjauladas.

VÊ SE ME ENXERGA

Me enxerga,
Vê se me enxerga!
Não sob olhares alheios à mim,
Olho no olho,
Alma com alma,
Desvista-se da sua ótica
Caótica
Que não vê o que se pode ser
Só o que se deve.
Re-veja!
Enxergue meu refazer,
Minha sede de viver,
Para além de "estar"
"ser"
essência.

PERLA DE SOUSA ALVES

Natural de Patos-PB, nasceu em 1976. É Poetisa. Mestre em Ciências Ambientais, pela Universidade Federal de Campina Grande, com Especialidade em Agroecologia, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Contato: perlasalves@gmail.com

MUITO ANTES

Vi, senti, absorvi
Tudo que aquele momento
Pôde me mostrar
Sem palavras ao vento
Mas encanto no olhar
Sem expectativas
E com medo de amar
Eu te enxerguei muito antes
De você mesmo se enxergar
O sorriso cabisbaixo
Que no canto do rosto surgia
Precisa gargalhar
E o meu coração sorria
De tanto imaginar
Aquele boca feliz
Sorridente a falar
Eu te beijei muito antes
Da sua boca beijar
Tudo passou feito um vento
Tempestade de verão
Do dia pra noite sem saber
Ocupou um coração
E daquele dia em diante
Tudo foi se transformando

E mudando de estação
Eu te escutei muito antes
Da sua primeira canção
Enxerguei na profundidade da alma
Uma grandeza genuína
No fundo do olhar vazio
Uma tristeza singela
De coração sonhador
Perdido em esquinas e vielas
Sobrevivendo da dor
Eu te amei muito antes
De você conhecer o amor

ESCOLHAS

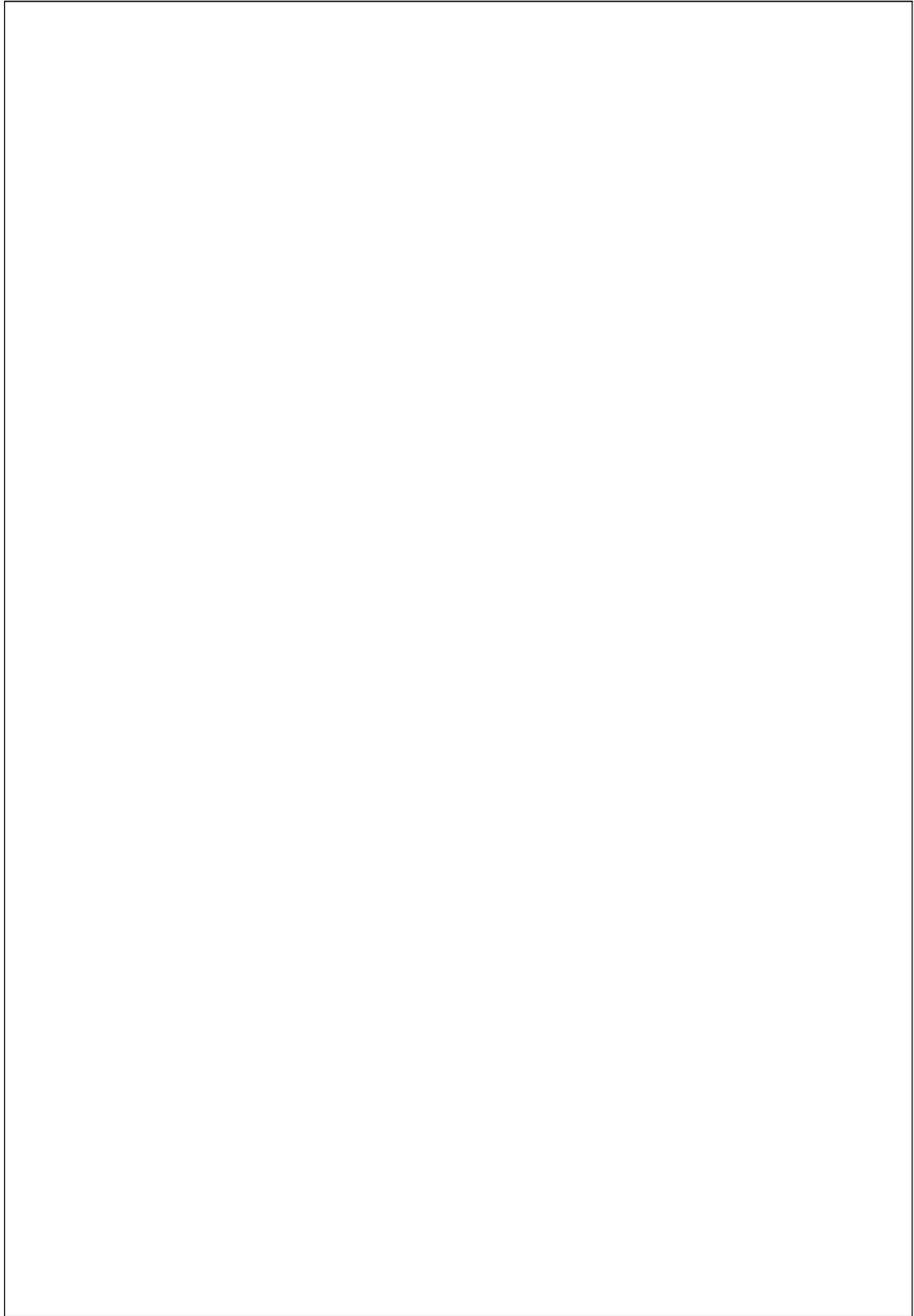
A vida é cheia de armadilhas
Opções para todos os gostos
Mas o destino é uma trilha
Com altos e baixos
Saudades, alegrias e desgostos
Nessa trilha a gente escolhe
Seguir, parar ou voltar
Mas nunca voltar
Pra o mesmo lugar
Ou na mesma situação
Mas a colheita é certa
independente da ação
Nem sempre o que recebemos
É o que nos dispomos oferecer
Cada um oferece o que tem
E recebe o que for,
Até um dia despertar
Em um novo amanhecer
Nada acontece por acaso
Pois na vida tudo é válido
Ontem o que era belo
Hoje não passa
De um sorriso pálido
E o que não era visto

hoje constrói castelo
Nesse jogo a vida
Se resume e segue
Ontem e hoje
Determinando o futuro
Consequências
Do muito que se perde
E pouco que se consegue
Só sofre e chora
Quem tem coração puro
Nem sempre o que a gente vê
É o que realmente é
A vida tem muitas faces
E pede força, foco e fé
A gente é quem escolhe
O que ser, o que ter e o que quer.

MENTIRAS EXPOSTAS

Me perderam
no esquecimento
em vários momentos
por qualquer razão
Me perderam
por não dizer não
Me perderam
por falta de tempo
por palavras ao vento
por motivo banal
Me perderam
por desejo carnal
Me perderam
por noites em claro
por desamparo
na escuridão
Me perderam
sem explicação
Me perderam
assim sem pensar
por falta de olhar
sem me dar valor
Me perderam
por falta de amor

Me perderam
Mas eu sempre me encontro



ROBERTO FERREIRA

Natural do Barro - CE, nasceu em 1991. É compositor e poeta; estudou História pela Universidade Federal de Campina Grande. Participou das coletâneas Mostra de Poesia Abril para a Leitura do CCBNB/Sousa-PB nos anos de 2015, 2016, 2018 e 2019. Participou também da Antologia Poética Poesia de Quarta (2019).

Contato: robertoferreirarf@hotmail.com

VERDE REGRESSO

Meu sertão por ser tão sacrificado
Pela seca e político que explora,
Viu seu filho chorando ir embora
Obrigado a deixar o chão rachado.
Quando canta uma chuva no telhado,
Alegria aqui dentro e lá fora.
Esperança é o verde que aflora,
Fez o filho voltar ao chão molhado.
Um sorriso feliz frutificado
A caatinga em festança, fauna e flora,
O sertão tem seu filho regressado.
Como o verde das plantas do roçado
Como tudo que é belo e verde agora
O regresso é um tom esverdeado.

SE FLORES

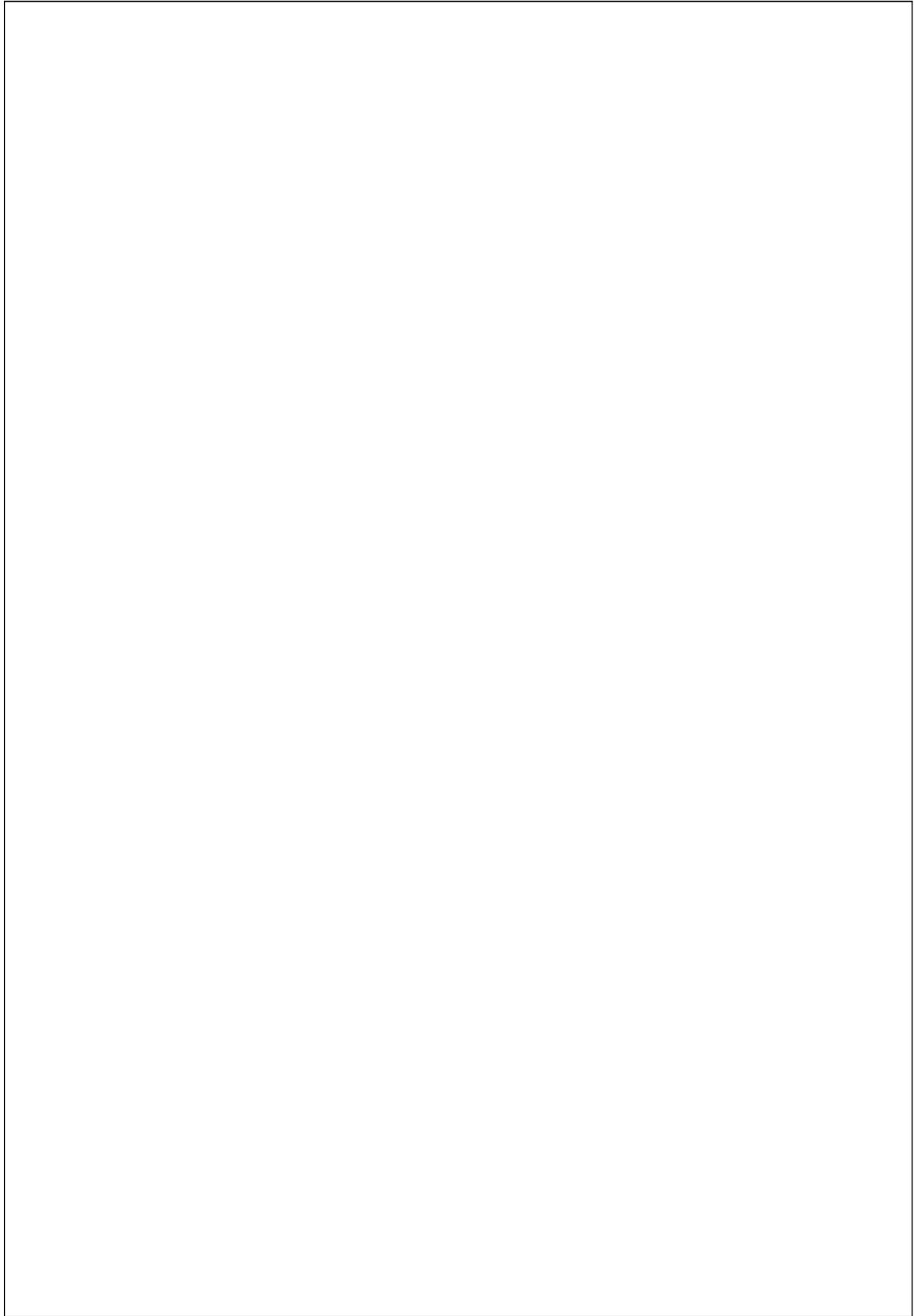
Se tu fores
Tu me levas
Semente na minha terra
Um pé de amor que plantei
Se tu fores
Ficarei.

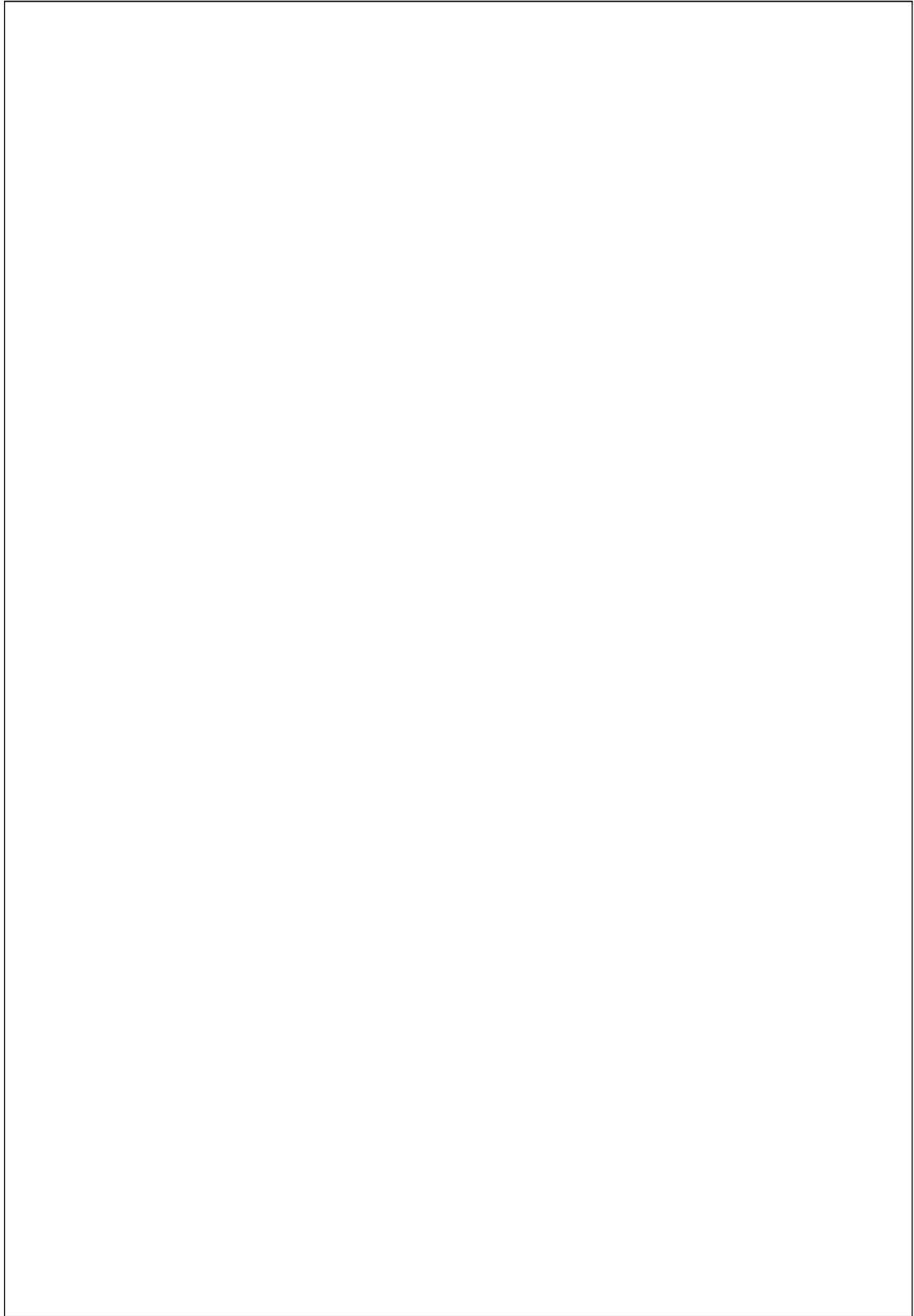
SOBRE IGREJAS E CURRAIS

Nos cercados da mente
Pessoas buscam por seu pasto(r)

Depois da engorda e da eleição, vem o abate
quando a falsa caridade
Já tem conquistado o (de)voto

Glória, és mesmo (m)ungido!





ÍNDICE

ANDRÉ BARROSO DO NASCIMENTO DE SOUSA REIS

Amor de beira de estrada, **10**

Poema das faltas, **12**

Histórias de um ex-tacionamento, **15**

CARLOS GILDEMAR PONTES

Com a sede das fornalhas, **18**

Poesia é risco, **19**

Quando eu for novamente um passarinho, **20**

CÍCERO RAELSON DA SILVA CRISPIM

Veloz igual cometa, **22**

Despertador, **25**

Roleta russa, **28**

ELINALDO MENEZES BRAGA

O voo, **32**

Urubus, **34**

Coisas de bicho, **35**

EMANUEL LUCIANO LUNES MEDEIROS

No apresento, **38**

Passalo, **40**

Cajazeiras, **41**

GABRIELA ALMEIDA PINHEIRO

Logos de ser moderno, **44**

Encômio à musa - à língua, **45**

A mais bela noite de insônia, **46**

IZAQUIEL CANUTO DA SILVA

Oxente boca!, **48**

Liberta-me!, **49**

Olhares de consolo, **50**

JOSÉ PAULINO BENTO FERREIRA

Além da rima e poesia, **52**

Melhor de você, **54**

Privilégios, **55**

LUANA BRITO LACERDA

isso não disseram nos jornais..., **58**

evite poemas de amor..., **61**

digo a mim mesma..., **63**

LUCAS BESERRA DA SILVA

Retrato, **66**

Ambrosia, **67**

Talvezes, **68**

OCLÁVIO COUTINHO DOS SANTOS

Nascer, **70**

Medos, **71**

Ela, **72**

PÂMELA LOPES DINIZ SILVEIRA

Mulher pássaro, **74**

O pessoal é político, **77**

Vê se me enxerga, **78**

PERLA DE SOUSA ALVES

Muito antes, **80**

Escolhas, **82**

Mentiras expostas, **84**

ROBERTO FERREIRA

Verde regresso, **88**

Sz flores, **89**

Sobre igrejas e currais, **90**

Agradecimentos:



Forjado na cidade de Cajazeiras, tradicional berço de grandes artistas e agitadores que reverberam suas entoações por todos os territórios da Terra e da mente, o Projeto Poesia de Quarta nasce no âmbito da atuação do Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (NUCCA/IFPB) – *Campus Cajazeiras*. Com o selo da extensão cultural, o projeto envolve pessoas do IFPB e da comunidade cajazeirense, esta última composta na simbiose entre os filhos e filhas da terra e das muitas pessoas que aqui encontram guarida. Cajazeiras, aliás, é celebrada enquanto “terra da cultura”, alcunha feita sob medida para caracterizar a produção de seus artistas, mesmo que nem sempre condizente com a suficiência de políticas públicas para o setor.